

SAUDAÇÃO A CLÁUDIO MARTINS

Itamar Espíndola

O médico americano Larry Dossey tem no seu consultório dois relógios de parede. Um está atrasado meia hora; o outro, adiantado. Perguntaram-lhe a razão dessa disparidade, e ele respondeu: "Não quero minha vida comandada por nenhum relógio".

Resposta certa.

Seria ideal se não vivêssemos reiterados pela escravidão do horário, uma das causas de estresse.

A maior parte das pessoas está habituada a viver sob a tensão do tempo. Avezamo-nos desde cedo a este sistema. Horário do banho, das refeições, do colégio, das reuniões, do lazer, da novela, do trabalho, do transporte, do sono.

Tive um amigo predileto. Gravemente enfermo, ainda se preocupava com as horas. Queria ouvir as badaladas do relógio. Um dia, reclamou porque não deram corda nesse instrumento. Desejou ouvi-lo, até o seu retorno para Deus.

Entretanto, como diz Lowel Ponte, autor de *Space, Time and Medicine* (Espaço, Tempo e Medicina), "nosso organismo, tal como os da maioria dos seres vivos, são capazes de reconhecer as mutações da luz. Na base do cérebro, um minúsculo aglomerado de células nervosas — os núcleos supraquiasmáticos (NSQ) — controla a luz que chega aos nossos olhos, e não só distingue o dia da noite, como também reage a pequenas variações de duração do dia e ao grau de luminosidade. Os NSQs, atuando como espécie de marca-passo biológico, emitem informações de tempo para os centros controladores do sono, do despertar, do crescimento e da sexualidade".

Mesmo quando se trata de fazer palestra, proferir discurso, saudar alguém, a natureza dispõe de mecanismo para indicar a hora do ponto final. Dá-se porém uma inversão: os signos partem do organismo alheio, da assistência.

Aqui, nesta noite festiva, eu gostaria de esquecer a ação manietadora do tempo, a norma estatutária, a possível fadiga dos presentes. Meu desejo era falar mais de uma hora. Porque a personalidade do recipiendário é rica, contém material suficiente para ser alçado à admiração de todos. Porque,

outrossim, largos são os liames de minha amizade para com ele, há mais de três décadas. Além disso, conheci-o através de meu pai, seu amigo, muitos anos.

Mas, não temam. Em tudo *est modus in rebus*. Serei breve. Ou não serei muito longo . . .

Sr. Presidente, demais integrantes da Mesa dos trabalhos, queridas confradeiras, caros confrades, senhoras e senhores:

QUEM SOMOS NÓS, NESTE SODALÍCIO, DOS LONGES NO PASSADO E NA HORA PRESENTE?

Dentro de menos de três anos, o Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico) alcança o primeiro século de fundação, pois nascido a 4 de março de 1887. Até hoje, o quadro associativo admitiu muitos sócios ilustres. *Cinco sacerdotes*: Dom Antônio de Almeida Lustosa, Mons. Bruno de Assis Figueiredo, João Augusto da Frota, Rodolfo Ferreira da Cunha e Cônego Misael Gomes. *Seis militares*: Coronéis José Aurélio Câmara, Virgílio de Moraes Fernandes Távora (engenheiros), Generais Carlos Studart Filho (médico), Raimundo Teles Pinheiro (historiador), Oswaldo Riedel (médico, farmacêutico e professor) e Tácito Teófilo Gaspar de Oliveira (historiador). *Um naturalista*: Francisco Dias da Rocha. *Um crítico literário*: Joaquim Braga Montenegro. *Oito médicos*: José Carlos da Costa Ribeiro, Florival Seraine (filólogo e folclorista), Manuel do Nascimento Fernandes Távora, José Lino da Justa (farmacêutico), Josa Magalhães, Álvaro Otacílio Nogueira Fernandes, João Batista Saraiva Leão, Vinícius Antonius Barros Leal (historiador), os cinco últimos professores. *Um odontólogo*: Demócrito Rocha (jornalista). *Três engenheiros civis*: Antônio Teodorico da Costa, João Franklin de Alencar Nogueira e Tomás Pompeu de Sousa Brasil Sobrinho (historiador, geógrafo e etnólogo). *Quatro agrônomos*: Raimundo Renato de Almeida Braga, José Guimarães Duque, Melquíades Pinto Paiva e Francisco Alves de Andrade (sociólogo e professor). *Três geógrafos*: Guarino Alves (jornalista e historiador), Caio Lóssio Botelho (professor), e Tomás Pompeu de Sousa Brasil. *Uma antropóloga*: Zélia Sá Viana Camurça (professora). *Um astrônomo*: Rubens Azevedo (geógrafo e professor). *Cinco pesquisadores*: Ismael Pordeus, Guilherme Sousa Pinto, José Osvaldo Araújo, Maria Conceição de Sousa (bibliotecônoma e professora), e Antônio Gomes de Freitas. *Três sociólogos*: Djacir Meneses, José Parsifal Barroso, Joaquim Alves, este também odontólogo, todos professores. *Dois filólogos*: Antônio Martins de Aguiar e Hélio de Sousa Melo (professores e jornalistas). *Vinte e cinco historiadores*: Tomás Pompeu de Sousa Brasil, Raimundo Girão, José Teixeira de Freitas, Pedro Alberto de Oliveira Silva, Hugo Catunda Fontenele, Luís Teixeira Barros, José Valdo Ribeiro Ramos, Abelardo Fernando Montenegro, Geraldo Nobre, Mozart Soriano Aderaldo, José Denizard Macedo de Alcântara (economista), todos professores, José Bonifácio de Sousa, Joaquim de Oliveira Catunda, José da Cunha

Sombra, Manuel Albano Amora (poeta e professor), Júlia Carneiro Leão de Vasconcelos, Guilherme Studart (médico), José da Cunha Sombra Filho, Eusébio Alves Néri de Sousa, Antônio Augusto de Vasconcelos (professor), João Batista Perdigão de Oliveira, Raimundo Aristides Ribeiro (hagiógrafo e professor), Francisco Fernando Saraiva Câmara (especialista em História Eclesiástica), Antônio Bezerra de Meneses, Valderi Uchoa e Eduardo de Castro Bezerra Neto. *Nove jornalista*: Álvaro Bomilcar da Cunha (poeta), Virgílio Brígido, Luís Cavalcante Sucupira (professor e hagiógrafo), Manuel Eduardo Pinheiro Campos (teatrólogo), Júlio César da Fonseca Filho, José Caminha de Alencar Araripe (historiador), Manuel Antônio de Andrade Furtado (professor), Maria Rodrigues Peixe (Alba Valdez) e José Carvalho. *Dois poetas*: Antônio Filgueiras Lima (educador) e Juvenal Galeno da Costa e Silva. *Um genealogista*: José Pedro Soares Bulcão. *Um economista*: Antônio Nílson Craveiro Holanda. *Um farmacêutico*: Rodolfo Marcos Teófilo (historiador). *Três doutrinadores*: Fran Martins, Paulo Bonavides e Dolor Barreira (advogados), todos professores). *Seis magistrados*: Abner Carneiro Leão Vasconcelos (ex-Ministros do Tribunal Federal de Recursos), Boanerges Facó e Antônio Augusto Vasconcelos (juízes), Álvaro Gurgel de Alencar, Paulino Nogueira Borges da Fonseca e Carlos Livino de Carvalho (desembargadores). *Quatro professores*: José Sobreira de Amorim, Plácido Aderaldo Castelo (político), Manuel Soriano de Albuquerque e Waldemar Cromwell do Rego Falcão (ex-Ministro do Trabalho). *Um notário público*: Leonardo Ferreira da Mota (folclorista).

Bacharéis em Ciências Jurídicas e Sociais tivemos e ainda temos muitos. Advogados, não. O número é reduzido, oito: Hugo Vítor Guimarães e Silva, Virgílio Augusto Morais (professor), Clodoaldo Pinto (professor), Antônio Martins Filho (professor), Francisco de Assis de Arruda Furtado (historiador, *expert* em Teologia e professor), Manuel Lima Soares (historiador, geógrafo e professor), Itamar de Santiago Espíndola (jornalista, hagiógrafo e pesquisador do vernáculo) e João Hipólito Campos de Oliveira (historiador, poliglota, professor e geógrafo). Os quatro últimos ainda estão nas lides advocatórias.

No arrolamento feito, enquadrou-se cada um na área preferencial de sua atividade. Em parêntese, aditou-se-lhe outro mister ao qual se entregou, vezadamente ou não. Como em qualquer tarefa, este levantamento, aqui efetivado pela primeira vez, há de merecer alinho melhor. De qualquer modo, porém, constitui adinículo para os nossos anais. Nasce com o mérito de abrir caminho ainda não lembrado, creio eu.

Em parte, nesta pesquisa, acha-se presente a confreira Maria Conceição de Sousa, colaboradora de muitos intelectuais do Ceará.

Embora a *vol d'oiseau*, viram-se os integrantes desta entidade, vários deles atuantes em diversos setores do saber. Ao todo, somos 107, sendo quatro de sexo feminino, a parte mais encantadora da criação. Vencemos,

neste ponto, a Academia Brasileira de Letras, composta somente de duas mulheres, uma falecida.

Atualmente, formamos quarenta sócios nesta convivência agradável, onde cada vez mais se aprende mais um tanto.

Agora, outra indagação impende ser feita: QUÉM É O SÓCIO HOJE ENTRANTE NESTE VESTUSTO ATENEU?

Cláudio Martins é Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais; Doutor em Ciências Econômicas; Docente Livre de Política Financeira da Faculdade de Ciências Econômicas; ex-professor de Direito Tributário de Finanças Públicas e de Orçamento por Programa da Faculdade de Ciências Econômicas. Tudo isso na área do magistério da Universidade Federal do Ceará. Ainda no campo do ensino: ex-professor de Legislação Fiscal da Escola Técnica de Comércio Pe. Champagnat; Professor de Técnica Fiscal do Curso de Especialização em Contabilidade Pública e Técnica Fiscal, do Estado, ex-professor de Química do Liceu do Ceará. Foi Oficial de Gabinete da Secretaria da Fazenda Estadual. É doutrinador, poeta e trovador.

Na administração pública, vamos encontrá-lo situando-se bem como Secretário de Estado dos Negócios do Governo, em 1957; Secretário de Educação e Saúde, no mesmo ano; e Secretário da Fazenda, em 1964.

Outras atividades lhe cobrem o longo *curriculum vivendi*: integrante do Conselho de Educação do Ceará, seu ex-Vice-presidente e atual Presidente, eleito quatro vezes consecutivas; Presidente da Câmara de Ensino Superior; ex-Presidente da Câmara de Legislação e Normas do mesmo Conselho; componente da Comissão de Desenvolvimento da Comunidade de Fortaleza, da Comissão Julgadora da Seleção de Professores Assistentes para o Departamento de Direito Processual do Centro de Estudos Sociais Aplicados da UFC e da Comissão da Medalha da Abolição; Presidente da Academia Cearense de Letras, há 10 anos, através de votações à unanimidade; ex-Governador do Rotary Internacional; ex-Presidente do Instituto Brasil-Estados Unidos; e Diretor-gerente da Fundação Raul Barbosa.

Vejam mais: pertence a inúmeras entidades classistas e culturais: a Ordem dos Advogados do Brasil, Seção do Ceará, Associação Brasileira de Direito Financeiro, Associação Cearense de Imprensa, *International Fiscal Association*, Rotary International, Academia Sergipana de Letras (sócio-correspondente), Academia Paranaense de Letras (sócio-correspondente), Academia Sobralense de Estudos e Letras (sócio-honorário), Instituto do Ceará (sócio-honorário, agora titular), Instituto do Vale Caririense (sócio-honorário) e Academia Cearense de Letras Jurídicas.

É portador de diplomas, títulos honoríficos e prêmios, num total de 41. Participou de banca examinadora na PUC do Rio de Janeiro, em curso de pós-graduação, no nível de Mestrado. Há proferido aulas inaugurais em Faculdades e Cursos.

Sua bibliografia compõe-se de *Elementos de Finanças e Legislação Fiscal*, em segunda edição, *Fazenda Nacional, Orçamento e Democracia*

(tese), *Normas Gerais de Direito Tributário, Introdução ao Estudo das Finanças Públicas, O Contribuinte Substituto na Legislação Fiscal Brasileira, Poemas, 30 Poemas para Ajudar, Discursos Acadêmicos, Curso de Orçamento por Programa, O Problema Educativo Brasileiro, Direito Notarial (Teoria e Técnica), Viagem no Arco-Íris (poesia), Compêndio de Finanças Públicas, Função Pública e Notarial, Metamorfose, Sonetos e Trovas e Teoria e Prática dos Atos Notariais*.

Quase dá segredia mencionar tantos títulos, inúmeros trabalhos e vários dados deste longo *curriculum*. Bastaria este registro — e não o fiz todo — para considerar apresentado o novo acolhido. O discurso de saudação estaria ultimado.

É conveniente, no entanto, indicar, duas províncias do saber onde o recipiendário se insere.

De modo marcante, ele surge no Direito Notarial, na categoria de primeira autoridade no Ceará, não somente pela prática adquirida como Tabelião nesta Capital, durante décadas, mas, também, pelos estudos iterativos dos problemas pertinentes a esta matéria, na qual poucos sobressaem com agudeza. No Direito Tributário, de igual modo comprovou autoridade em mais de um livro, entre eles **NORMAS GERAIS DE DIREITO TRIBUTÁRIO**. Com exegese equilibrada e percepção exata da problemática examinada, logrou êxito entre os escoliastes. Ali, o autor — afirma Raimundo Girão — “conseguiu, com a mais elogiável simplicidade e seguro método, trazer aos estudiosos da *quaestio* as melhores direções, predispondo as coordenadas obedientes, às quais eles, na realidade, através de caminho limpo, possam atingir as metas desejadas”.

Outra província da mente de Cláudio alcançou frutuosamente a arte poética. Ouça-se esta sua mensagem em **EIS O SÁBIO SEGREDO**:

“Fazer o bem por generosidade
ou pela imposição de um dever,
tolerar, perdoar, reconhecer
a grandeza sublime da humildade;

julgar o valor próprio à pureza,
sem pressa, sem empáfia, sem alarde,
sobretudo entender que, cedo ou tarde,
ostentação reduz-se à vaidade.

— eis o sábio segredo. E eu lamento
os que se arrogam donos da verdade,
transformando vaidade em valimento,

pois certo é que, quem é, raro quer ser,
quem pode serve sempre por bondade,
quem sabe tem receio de dizer”.

Escute-se apenas mais uma produção poética do novo sócio:

“SOMENTE A FÉ CONFORTA . . .”

Feliz aquele que na fé cimenta
as bases do que a vida lhe destina,
deploro quem por pouco desatina,
por coisa de somenos se atormenta.

Por que fazer da vida uma incruenta
batalha contra os fatos, contra a sina,
descrendo do que a sorte vaticina
a quem, com fé, o mau tormento enfrenta?

Somente a fé conforta e realiza
aquilo que se busca ou que se tenta,
somente a fé, de fato, tranquiliza.

E aquele que persiste na descrença
para o próprio desespero canaliza
toda a desgraça de uma vida tensa”.

Há nestes dois frutos da inspiração o signo do chamamento da Natureza para bem versejar. Num, a filosofia constrói; noutro, a afirmação de fé ilumina a vida do espírito e rejeita a desesperança da alma. Em ambas as produções, a razão discursiva é fortificada pelo talento criador, mantidas a sintaxe tradicional e a unidade rítmico-formal.

Mas desejo memorar como o conheci.

Nos longes de 1935, eu universitário, encontrava-me na calçada do prédio da Secretaria da Fazenda, confluência da Av. Pessoa Anta com a Alberto Nepomuceno. Vinha do lado nascente um caminhão. No sentido sul-norte, guapo jovem dirigia uma motocicleta. De repente, o choque. Moto para um lado, o guiador para o outro. A roupa nova de linho ele a estreava naquele dia. Ficou estragada, quase toda, o pé ferido. Moço pobre, olhava tristemente para as vestes. Atinha-se menos aos ferimentos, tal criança para quem, muitas vezes, o muito está no pouco, o principal no acessório.

Soube então por meu pai, José Eduardo Espíndola, antigo Diretor da Recebedoria do Estado, tratar-se de funcionário sob sua orientação, capaz e probo. Era Cláudio Martins, escriturário da Fazenda Estadual.

Cláudio possui muito em haveres materiais, amizades e conceito. Machucou os pés, conheceu horas bem agras, feriu as mãos na escola do trabalho. Muitas vezes viu-se em talas. Porém tudo isso foi salutar ao seu crescimento psicossomático. Aos oito anos, era ajudante de alfaiate, mas nesta profissão — confessa — não foi além de simples chuleador de manga

de paletó. Trabalhou na tipografia da Gazeta do Cariri, sua primeira escola. De tipógrafo e garoto distribuidor de jornais, fez-se comerciante. Tocou saxofone na banda de música organizada pelo Pe. Pita. Dela participaram também Pedro Pinheiro de Melo (depois Desembargador). Era o trombonista. E, ainda, os irmãos Walter de Sá Cavalcante e Hélio de Sá Cavalcante, este trompista, tendo mais tarde seguido a vocação religiosa e se tornado beneditino, adotando o nome de Dom Jerônimo. Mais outro músico era Fran Martins, tocando nos pratos.

Como se vê, aqui no Instituto há vários com talento musical. Mozart Soriano, pianista; Manuel Lima Soares, violonista e seresteiro; e Antônio Martins Filho, 2º tromponista da Banda do Crato.

Senhores:

A maioria dos homens de bom sucesso vem da planície. A luta os incentiva e lhes dá energias para alcançarem vôo de grande altura. Aqui está um exemplo no recipiendário. Em sua rota encontrou empecilhos enormes, ingênuos à pessoa humana, porque, mesmo nas coroas legítimas, acham-se fortes acúleos entre os louros fascinantes. Objetivam a conquista do enriquecimento.

Nascido na cidade de Barbalha (CE), ligou-se afetivamente ao Crato. Nessa cidade cresceu, e nela conquistou o título de cidadão da Princesa do Sul.

Veio do amor matrimonial de Antônio Martins de Jesus e de Antônia Leite Martins, casal pleno de virtudes, cujo maior sonho era o triunfo dos descendentes, ao preço do esforço, da honestidade e das luzes do saber. E o tornaram realidade. Certamente, Antônia Martins, hoje no mundo maior junto a Deus, está jubilosa com mais esta vitória do filho dileto. E em sua memória, permitam-me ler MÃE, de Judas Isgorogot:

“Tu serás mãe. Tua alma, como um lírio
Se abrirá para o amor, belo e fecundo
E cantarás, num divinal delírio.

Ao teu amor vota um amor profundo,
Capaz de transformar o teu martírio
Na alegria maior que haja no mundo.

Sofrerás, sendo mãe; mas a mais linda
Consolação do alto dos céus terás:

— Viverás noutras vidas e, mais ainda,
Mesmo depois da morte, viverás”.

Pesquisador em diversas áreas, o contributivo do neoconfrade, já mencionado, vai servir de informática aos estudos dos contemporâneos e

dos pósteros. Esquadrinhou a via da investigação e perlustrou a rota da História, pois ninguém pode escrever seriamente sobre ciência, artes e letras, sem antes penetrar nos anais de ontem, no mínimo para não se tornar repetidor ou pelo menos para saber até onde pode ir sem erro.

Nasceu vocacionado para as letras. Ainda púbere, acordou para ser intelectual, e nunca mais parou. Vem dedicando seus fazeres aos eventos da inteligência no Estado. Administrador prudente e perspicaz, fixou marco na história da Academia Cearense de Letras, hoje com duas fases: antes e depois de Cláudio Martins.

Excuse-me o novo companheiro se não o mostrei de modo exato e completo. A culpa será do pincelador, por não ter sabido apanhar os ângulos todos de sua personalidade. E assim razão assistirá a Martin Fierro, ao dizer apropriadamente:

*"No pinta quien tiene ganas,
Sino quien sabe pintar".*

Mas valeu a boa vontade.

Agora, convém-me o silêncio, para escutarmos o primeiro pronunciamento do 107º associado desta entidade, na sua vida quase secular, em 1987.

Abraço-o afetivamente, em nome do Instituto do Ceará. Com tantas vitórias já obtidas, é-lhe fácil consolidar mais esta, em busca de outros triunfos.

Seja bem-vindo e também fiel ao nosso lema *DEDIMUS PRO-FECTO GRANDE PATIENTIA DOCUMENTUM*, ou no vernáculo: "Em verdade, demos exemplo de muita paciência".

Sim, porque nesta Casa trabalhamos com grande paciência, obstinação inafastável e com interesse de alto nível em proveito da cultura da terra de Capistrano de Abreu e de Raimundo Girão.

(No Instituto do Ceará, a 23.04.1984).